

Saúde e Comunidade na agenda do município

1as. Jornadas da Trofa procuram caminhos para a inclusão



O Auditório do Fórum Trofa XXI acolheu, no dia 5 de junho, as 1^{as} Jornadas da Trofa - Saúde e Comunidade – “Caminhos Para a Inclusão”, evento organizado pela Câmara Municipal da Trofa em parceria com o CRI Porto Ocidental. Fomentar hábitos de vida saudáveis e minimizar comportamentos, como a toxicod dependência, o tabagismo e o alcoolismo, dando igualmente relevância à melhoria da rede dos cuidados de saúde, em cooperação com a administração central são os objetivos primordiais do Município da Trofa na luta contra as dependências.

Desta forma, no passado dia 5 de junho temas como “A Prevenir se vai ao longe”, “As redes no caminho da inclusão”, “Onde estamos e para onde queremos ir” e “A cuidar se vai ao longe” foram abordados nas 1^{as} Jornadas da Trofa – Saúde e Comunidade – “Caminhos Para a Inclusão”.

Nomes como Manuel Sobrinho Simões – Médico, Professor, Investigador, Jorge Negreiros - Professor da Faculdade de Psicologia de Ciências da Educação da UP, Kerstin Hoffmeister - Coordenadora da DICAD/ARS Norte, I.P. – Divisão de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e Dependências, João Goulão – Diretor Geral do SICAD, Ponciano Oliveira – Vogal do Conselho Diretivo da ARS Norte, I.P., Maria Rosário Loureiro - Coordenador Distrital do Norte da Segurança Social, Carla Lima – Coordenadora do CLDS – Trofa 3G, Natércia Rodrigues – ASAS/Re(Inserir), Maria Helena Silva – Presidente da ASAS Santo Tirso/Trofa, Domingos Neto – Médico, Professor, especialista na área dos Comportamentos Aditivos e Dependências, Júlio Roque – Coordenador do CRI Porto Ocidental, e Ana Tato – Diretora Executiva do ACES Grande Porto I – Santo Tirso/Trofa marcaram presença nas Jornadas da Trofa.

Quem também esteve presente foi Dependências, que registou o discurso proferido por João Goulão na sessão de abertura e entrevistou ainda Lina Ramos, Vereadora da Câmara Municipal da Trofa, e Jorge Negreiros, Professor da Faculdade de Psicologia de Ciências da Educação da UP.



JOÃO GOULÃO

“O facto de se realizarem estas Jornadas é também um indicador da preocupação com a formação dos profissionais e da reflexão em torno das práticas que vamos prosseguir. Tivemos aqui um bom exemplo, um bom início, com a intervenção do Professor Jorge Negreiros, que nos alerta para a necessidade de desenvolvermos programas de prevenção de qualidade, baseados tanto quanto possível na evidência. Para além das coisas importantes que foram ditas, gostaria de referir que não temos sempre de inventar a roda... Há muita investigação feita, temos a felicidade de ter em Portugal o OEDT, que mantém um repositório de instrumentos validados de intervenção preventiva e não só; há um Portal de Boas Práticas, onde felizmente, está incluído o nosso programa Eu e os Outros, bem como outros, nomeadamente de intervenção familiar, onde é possível buscarmos inspiração, aprendermos e depois trabalhar na formação de profissionais no sentido de sermos capazes de o aplicar no terreno.

Em termos de estratégias preventivas, partimos, há 20 ou 30 anos atrás, de estratégias que adjectivaria de um tanto terroristas... Alguns lembrar-se-ão do célebre programa Droga, Loucura, Morte, que acabou por ser contraproducente, mas que era o que se fazia à luz do que se sabia na altura... Hoje em dia, se calhar,

em vez de abordarmos a questão dos consumos, tornando como parte fundamental os riscos e perigos das drogas ou de dizermos que as mesmas são más, talvez seja importante tomarmos consciência de que as drogas são boas... E as pessoas usam-nas porque são boas... Ninguém usa drogas para sofrer, mas antes em busca de prazer. O grande problema é que, em muitos casos, esse prazer que as drogas proporcionam se vem a transformar na única fonte de prazer que as pessoas são capazes de usufruir. Portanto, se não contrapomos outros prazeres e fontes de bem-estar, dificilmente contrariamos a força destas substâncias ou de outros comportamentos que não passam necessariamente por substâncias. Temos que oferecer coisas que tenham poder de atração e estimulação e fomentar, em muitos casos, os sentimentos de pertença.

Há pois, aqui uma série de fatores em relação aos quais temos que refletir mas gostaria de deixar como ponto de partida esta ideia que as pessoas não usam drogas para sofrer... usam porque são boas. E é daí que vêm os problemas porque, se fossem más, não continuariam a usá-las.

A Dra. Kerstin Hoffmeister falou no 20º aniversário da Estratégia Nacional de Luta Contra a Droga, que marcou de facto um ponto importante na evolução das respostas no nosso país relativas aos problemas de CAD... Queria dizer-vos que estamos a chegar ao fim de um ciclo estratégico, sendo que o Plano Nacional termina em 2020 e é altura agora de desenharmos uma estratégia para o ciclo que aí vem. Assinei ontem o lançamento de um concurso público internacional para que uma entidade venha fazer a avaliação externa da execução da estratégia 2013-2020, o que será um dos elementos importantíssimos a ter em conta relativamente ao lançamento do próximo ciclo estratégico. Penso que, de uma forma generalizada, temos os instrumentos, até legais, necessários para enfrentarmos os novos desafios que se nos colocam, um dos quais o envelhecimento da população que pretendemos servir. Felizmente, mantivemos viva uma população que foi a que, ao fim e ao cabo, motivou o desenvolvimento da rede de serviços hoje existente, conseguimos prestar-lhes cuidados de saúde, eles estão aí e agora temos a responsabilidade de estar com eles enquanto envelhecem, fragilizados pelas condições de saúde física e mental que decorrem desses consumos, agravados pelos que decorrem do envelhecimento. E a criação de unidades que possam servir as necessidades dessa população parece-me uma das prioridades que teremos que equacionar no próximo ciclo.

Para terminar, gostaria de deixar aos profissionais aqui presentes um desafio: que colaborem ativamente no desenho do próximo ciclo estratégico, que identifiquem prioridades... temos que fazer um brainstorming quase de início e depois encontrar as formas de acorrer às necessidades da nossa população nesta área tão exigente. Temos muito a fazer e é importante que cada um, com a sua experiência de terreno, dê os inputs para que tenhamos uma estratégia passível de dar os resultados que pretendemos”.



LINA RAMOS

Em que medida constitui a intervenção social e em saúde uma prioridade para a autarquia da Trofa?

Lina Ramos (LR) – Entrámos nesta Câmara Municipal em 2013 e, desde logo, uma das bandeiras definidas na nossa estratégia de atuação, enquanto Executivo Municipal, foi a aposta nas pessoas, em todas as suas vertentes, daí a nossa preocupação com a área da saúde, da formação e da educação. E é sobretudo na educação e na ação social que pretendemos marcar a diferença na nossa ação de proteção e de apoio aos nossos munícipes. Essa é a nossa grande bandeira... Já conseguimos diminuir substancialmente o desemprego, a taxa de sem-abrigo é residual, são apenas três casos, conhecidos e acompanhados, que ainda não têm uma solução de reintegração, porque eles próprios não querem ir para uma casa. De resto, o Município tem apoio transversal para quem precisa. O nosso lema é fazer pessoas felizes.





Festival de Teatro, a feira do Livro, as provas desportivas Raid BTT trofa, Trail da trofa, Urban Trofa Race, Atletismo, Ciclismo, etc....

Referiu que os jovens da Trofa se deslocam para outros territórios em procura de contextos recreativos... Em que medida equacionaria um trabalho em conjunto com outros municípios no sentido de facultarem respostas mais integradoras?

LR – Neste Executivo, estamos a trabalhar para isso e temos excelentes relações com os parceiros de outras Câmaras, nomeadamente com a Maia e Famalicão. Esta união é fundamental. Para além disso, a Autarquia da Trofa está sempre presente e luta constantemente ao lado das instituições locais, a quem tentamos dar as melhores ferramentas que podemos. Anualmente, auxiliamos financeiramente instituições em todas as freguesias do concelho, que são no fundo a nossa extensão nesses territórios e em quem descentralizamos muitas intervenções. E todas as instituições do concelho estão de mão dada com o atual executivo.

Os comportamentos dos jovens do concelho constituem preocupação?

LR – São preocupantes como em todos os concelhos e, sendo a Trofa um concelho jovem, não poderia ser diferente. Mas temos no terreno vários programas de ação de apoio, sensibilização e intervenção que acompanham os jovens desde o pré-escolar até ao final do ensino secundário. Estes programas decorrem integrados com toda a comunidade, envolvendo a escola e as famílias.

Sendo a Trofa o concelho mais jovem do país, que alternativas oferece a esta população?

LR – A Trofa apresenta hoje inúmeras valências de ocupação de tempos livres vocacionadas para os jovens, nomeadamente as férias desportivas da Academia Municipal da Trofa, a Biblioteca Municipal e a casa da Cultura ou o Centro Comunitário Municipal da Trofa. Em paralelo, na época de férias, tentamos também motivar as instituições concelhias a oferecerem atividades de ocupação de tempos livres. E os nossos jovens podem ser voluntários em todas as instituições do concelho, inclusive na Casa da Cultura ou até na Ação Social. Nós trabalhamos em rede e esta Câmara não teria o sucesso que tem vindo a evidenciar não fosse a parceria com toda a comunidade. De resto, no campo do desporto e lazer temos para os jovens o BeliveTrofa, Festival de Verão, a expoTrofa, o Danc'In Trofa (evento nacional de dança), o



JORGE NEGREIROS

Apetece dizer que a prevenção voltou...

Jorge Negreiros (JN) – Eu acho que nunca deixou de estar presente nas preocupações dos decisores e dos investigadores. No meu caso pessoal, o meu doutoramento foi sobre prevenção e, apesar de ter feito investigação noutras áreas, a prevenção foi sempre uma área importante para mim e na qual deposito grandes esperanças.



Quando se diz que a prevenção não tem números, para o Professor, que trabalhou com a autarquia de Matosinhos, que deixou de ter a sua unidade móvel ativa porque não existe essa necessidade, parece afinal não ser assim tão difícil constatar resultados a partir da intervenção preventiva...

JN – Diria que é da prevenção e do conjunto de políticas que foram aplicadas no concelho, que investiu desde muito cedo e de uma forma muito decisiva em políticas quer ao nível da prevenção, da caracterização do fenómeno – lembro que Matosinhos terá sido o primeiro concelho a tentar efectuar estudos em contexto escolar para caracterizar a dimensão do fenómeno e adequar as intervenções – para além de outras iniciativas que considero muito meritórias, nomeadamente na área da redução de riscos, em que foi também um dos concelhos pioneiros ao disponibilizar esse tipo de serviço à população.

A prevenção do passado parece distante da de hoje...

JN – Sim, a prevenção do passado era muito baseada na intuição, na necessidade de dar uma resposta sem se saber bem se iria funcionar ou não, ao passo que a prevenção de hoje é baseada na investigação científica, na evidência. Portanto, com os conhecimentos que hoje temos para as questões do álcool, das drogas e dos CAD, o tipo de resposta é de qualidade infinitamente superior à que tínhamos há 20 ou 30 anos atrás, em que não sabíamos muito bem o que funcionava. Sabíamos o que não funcionava, nomeadamente as intervenções baseadas no fornecimento de informação mas, depois, havia muita ignorância acerca das estratégias que realmente funcionam.

Apesar dessa produção de evidência, a verdade é que os decisores políticos teimam em ignorar a importância da prevenção...

JN – Pois... esse é provavelmente um problema crónico da nossa sociedade. Recordo-me, há 30 anos, quando comecei a trabalhar nestas áreas, de conversar com o Professor Cândido Agra que me confessava ter sido “mandado” para um sótão para trabalhar estas questões da prevenção... Aquilo era uma espécie de metáfora do que representava a prevenção naquela altura, era uma área pobre. Parece-me, no entanto, que a situação mudou porque a comunidade se mobilizou para desenvolver projetos mas talvez ainda haja um caminho a percorrer, nomeadamente na adaptação de programas que já têm demonstrado que são eficazes e na adaptação cultural.

O Dr. Fernando Mendes lançou recentemente um desafio, que consiste na criação de um fórum sobre prevenção, onde se discutissem estratégias, se avaliassem projetos e onde os interventores se



pu dessem juntar para discutirem e decidirem o futuro desta área... O que lhe parece a ideia?

JN – Considero essa ideia excelente... Aliás, foi isso que se fez quando se preparou a Estratégia Nacional de Luta Contra a Droga, com discussões sectoriais em diferentes áreas que culminaram num bom documento, que ainda hoje nos orgulha e que tem suscitado o interesse de vários países. Essas discussões criam o terreno propício para que o conhecimento científico se alie à decisão política e depois se traduza em melhores resultados para a população. Esses fóruns são sempre positivos, desde que estejam bem articulados com o poder político.

O que pode fazer o meio académico, nomeadamente a Faculdade de Psicologia de Ciências da Educação da UP para que este tema faça novamente parte da agenda?

JN – Nós temos atualmente um projeto europeu, que apresentámos para financiamento pela UE, que consiste numa parceria entre a FPCEUP e a Universidade das Ilhas Baleares, que tem um excelente trabalho ao longo dos últimos 20 anos na área da prevenção familiar e que visa adaptarmos em Portugal um programa americano, que já foi igualmente adaptado em Espanha. Será o nosso modesto contributo para esta área.

